

## A PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS EM *E-MAILS*\*

Ednéia Aparecida Bernardineli BERNINI (PG-UEL)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo geral evidenciar, a partir das análises do *corpus* selecionado – *e-mails* produzidos por alunos, a presença de marcadores conversacionais em textos escritos. Por meio de pesquisa quantitativo-qualitativa de cunho interpretativo, levantaremos os marcadores de maior ocorrência; verificaremos como esses marcadores atuam na construção do texto e na sua organização, bem como analisaremos a função dos marcadores no *corpus* eleito. Para subsidiar esta análise, recorreremos a leituras e a conceitos desenvolvidos, a partir da perspectiva da Teoria da Análise da Conversação, principalmente por Castilho (1989, 1998), Marcuschi (1989, 2001, 2010), Urbano (1993) e Galembeck e Carvalho (1997). Pela análise pudemos perceber que os marcadores conversacionais típicos da língua falada, aparecem em textos escritos e atuam como organizadores de construções textuais e mantenedores da interação discursiva, estabelecendo uma relação entre ambos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcadores conversacionais. Fala. Escrita. *E-mail*.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pretendemos neste trabalho discutir a influência da oralidade em textos escritos por alunos de 9º ano, principalmente a presença de marcadores conversacionais na estruturação do texto escrito. O *corpus* deste trabalho é constituído por quarenta *e-mails* de alunos de uma escola particular do noroeste do Paraná para diagnosticar a presença e analisar qual a função dos marcadores conversacionais nesses textos escritos. Nossa análise será subsidiada pelas teorias da Língua Falada, especificamente, sobre os Marcadores Conversacionais, principalmente, por autores como Castilho (1989, 1998), Marcuschi (1989, 2001, 2010), Urbano (1993) e Galembeck e Carvalho (1997).

Nosso interesse pelo gênero discursivo *e-mail* se dá em função de sua proximidade com a oralidade e por ser um gênero que exige o domínio de uma das tecnologias em uso, também hoje na educação, aproximando-se do letramento digital em destaque atualmente. Para Marcuschi (2001) esses gêneros seriam representações de comunicações pessoais da escrita, mas bastante próximo da fala. Se a fala é uma forma de produção textual-discursiva que não exige uma tecnologia, além do aparato disponível pelo próprio ser humano, como este produtor de texto, o aluno, se sairá ao produzir um gênero discursivo escrito? Haverá marcas da oralidade neste gênero produzido?

### 1 BASES TEÓRICAS: ORALIDADE E ESCRITA

Ao considerarmos nossos alunos imersos em práticas sociais (em práticas de letramentos), fazem parte de seu contexto a oralidade e a escrita, por isso, o professor precisa estar atento ao que propõe e as suas especificidades e, ao mesmo tempo, às proximidades de cada modalidade, evitando dicotomias e extremismos.

A fala e a escrita são modalidades do mesmo sistema linguístico, em nosso caso, da Língua Portuguesa, com diferenças estruturais em função de seus modos de aquisição, suas condições de produção, transmissão e recepção, e também quanto à forma como os elementos

---

\* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Londrina – Paraná – Brasil - [edneiaabernini@hotmail.com](mailto:edneiaabernini@hotmail.com)

de estrutura são organizados (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1999) em práticas sociais específicas.

De acordo com Assis, a formação do professor precisa “contemplar espaços para a construção de saberes que lhe permitam operar, em sua prática docente, com a diversidade e a dinamicidade das práticas discursivas e dos gêneros que nelas se configuram.” (2007, p. 213). E a partir dessa visão acrescenta que “o olhar sobre gêneros textuais mediados por tecnologia pode possibilitar (...) o confronto de suas crenças sobre as relações entre fala e escrita e, conseqüentemente, a alteração das práticas de ensino da escrita.” (*idem, op. cit.*). Para Marcuschi, “os gêneros distribuem-se pelas duas modalidades [oralidade e escrita] num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana.” (2010, p. 35).

Ao pensar nos usos da língua, seja oral ou escrita, muitos e variados serão os fatores externos que definem como a língua/linguagem se realiza, que vão desde a tecnologia envolvida – telefone, computador, televisão, lápis, papel, quadro-negro, etc – até os elementos de ordem socio-histórica e subjetiva – o ambiente, os agentes envolvidos, suas relações e papéis sociais, os propósitos comunicativos, entre outros. Como bem salienta Marcuschi “uma das características básicas da língua deverá ser a *interatividade*” (2007, p. 197, grifo do autor). Esse mesmo autor acrescenta que “Lidamos com um conjunto de sistemas ou subsistemas que permitem às pessoas interagir por escrito ou oralmente, escolhendo e especificando sentidos mediante ações com escolhas linguísticas.” (MARCUSCHI, 2007, p. 199). Neste caso, nossos alunos ao produzirem seus textos escritos fazem escolhas que vão ao encontro de seus objetivos, dentro de uma perspectiva sociointeracionista, em que tanto para a fala quanto para a escrita há uma dialogicidade, ou seja, a língua é um fenômeno interativo e dinâmico.

As modalizações dos enunciados podem ocorrer tanto em textos escritos quanto falados, como procedimentos de enfatizar ou atenuar, o que pode ocorrer por meio de marcadores discursivos. Alves (2010) também desenvolve um trabalho de análise de *e-mails* e busca observar as semelhanças desse texto com o discurso oral e quais estratégias que o escritor/falante utiliza para recuperar os traços específicos em que é produzido. Após análises, esta autora chega à conclusão que o *e-mail* possui uma “natureza híbrida”, ou seja, “alia os recursos próprios da escrita à instantaneidade, ao imediatismo da fala” (2010, p. 168). Ainda para esta autora, “são as circunstâncias de produção e uso que determinam as semelhanças e as dessemelhanças entre as duas modalidades e a seleção de uma delas, por parte do falante/escritor, no momento da interação” (ALVES, 2010, p. 169). Por isso, não dá para dicotomizar características entre essas modalidades – oralidade e escrita, de forma radical.

O *e-mail*, ao estar presente em situação escolar, ao ser solicitado pela professora de Língua Portuguesa, passa a perder a sua significação real, mesmo com a finalidade de ser lido, acatado e não avaliado, passa a fazer parte de uma situação escolar, pois os alunos só escreveram porque foi solicitado, não foi algo espontâneo. O enunciado concreto, no caso o *e-mail*, nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação – alunos e professora de Língua Portuguesa – (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926-1976, p. 9).

Além de compreendermos essas modalidades e as possibilidades de se trabalhar com os gêneros discursivos, especificamente, com o *e-mail*, gênero em foco nesta análise, a próxima seção apresentará um dos enfoques da Análise da Conversação, os Marcadores Conversacionais e/ou Discursivos.

## 2 MARCADORES CONVERSACIONAIS

De acordo com Marcuschi, os marcadores conversacionais “operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória,

sendo, pois *multifuncionais*” (1989, p. 282, destaque do autor). Em nossa análise, buscaremos marcadores conversacionais em textos escritos, com enfoque sobre operações de organização da interação, em que o interlocutor é invocado no texto, bem como a presença de marcadores como articuladores do texto escrito.

Quanto ao aspecto formal, Urbano (1993) separa os marcadores em linguísticos e não linguísticos; os primeiros podem ser os verbais e os prosódicos, o que em textos escritos apenas podem vir a aparecer os linguístico-verbais, visto que os linguístico-prosódicos – essencialmente orais – seriam as pausas, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura. No entanto, no texto escrito podem aparecer marcas prosódicas como pontos de interrogação ou exclamação. Excluídos de análise, são os marcadores não linguísticos, ou paralinguísticos: olhar, risos, gesticulações, a menos que haja representações desses marcadores de forma escrita.

Quanto ao aspecto semântico, Urbano observou que uma característica dos marcadores conversacionais é serem “vazios ou esvaziados de conteúdo semântico” (1993, p.87), mas que valem como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor. Mais uma vez, a presença desses marcadores em textos escritos buscaria essa atenção do leitor do texto. Concordamos com Urbano quando afirma que “não são elementos interacionalmente e por extensão, discursivamente descartáveis” (1993, p. 87), visto que contribuem para a interação.

Castilho (1989) destaca que os marcadores conversacionais exercem funções; a mais comum é a textual, que tem como objetivo organizar o texto. Em função da caracterização dos marcadores, há dois tipos: os interpessoais e os ideacionais. Os interpessoais “servem para administrar os turnos conversacionais” (CASTILHO, 1989, p. 273), e os ideacionais “são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento” (*op. cit.* p. 274).

De acordo com Galembeck e Carvalho, marcadores conversacionais, de valor ideacional, representados por algumas conjunções e advérbios “funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação e, ademais, dão continuidade ao tópico em andamento ou introduzem um novo tópico” (1997, p. 838).

Vale destacar que encontramos para esta teoria tanto os termos marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 1989; GALEMBECK e CARVALHO, 1997; URBANO, 1993; CASTILHO, 1998; FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1999), quanto marcadores discursivos (CASTILHO, 1989) sendo utilizados como sinônimos; e ainda como conectivos textuais ou marcadores-conectivos (CASTILHO, 1998).

A próxima seção apresentará a contextualização de nosso trabalho e a análise desses marcadores nos textos produzidos pelos alunos.

### 3 ANÁLISE DO CORPUS

Em nosso corpus, buscamos fenômenos produtivos de marcadores conversacionais nos textos escritos pelos alunos de duas turmas de 9º ano, de uma escola particular, do noroeste do Paraná, especificamente, em *e-mails* produzidos, totalizando quarenta *e-mails*, e enviados para a professora, mediante um comando: “A partir das atividades desenvolvidas: Leitura do livro “Quem manda em mim sou eu” de Fanny Abramovich; e do filme a que assistimos “Mãos talentosas”, escreva um *e-mail* para a professora Ednéia, comentando/ elogiando/ criticando as atividades propostas. Além disso, dê sugestões para o próximo bimestre.”

As relações entre os envolvidos, participantes do evento comunicativo, são relevantes, pois eles estão conscientes do papel social que desempenham: os alunos conhecem o interlocutor para quem escreveram, a professora de Língua Portuguesa. Eles também conhecem as relações entre eles e a extensão do conhecimento partilhado que influenciam a efetivação do discurso, mesmo que tenham sido avisados de que a atividade não valeria nota,

mas que as sugestões dadas seriam aproveitadas para tomada de decisões para o próximo bimestre. Essa atividade foi realizada no período de aula, no laboratório de informática da escola, com a presença da professora, mas sem sua interferência.

Todos os quarenta *e-mails* foram lidos e salvos em um documento de texto, para facilitar a releitura e as citações desses *e-mails* serão apresentadas exatamente como foram escritas pelos alunos e os marcadores conversacionais em análise serão sublinhados pela autora deste artigo. Desses *e-mails*, apenas dois não apresentam nenhum marcador conversacional. Seis textos, com apenas uma ou duas marcas conversacionais: “acho que”, “achei”, “daí”; propiciado pelo comando de produção, visto que tinham que apresentar opinião sobre as atividades desenvolvidas.

Ao considerarmos as características do gênero discursivo *e-mail*, a presença de vocativo foi quase completa, em trinta e sete textos. Esta é uma das características estruturais desse gênero, mas também pode ser considerado como um marcador conversacional para buscar interação com o interlocutor. Alguns deles, marcados com ponto de exclamação; outros com interrogação, incluindo-se questionamentos como: tudo bem? como vai você? ou ainda com reticências. Os vocativos variaram em suas formas de tratamento: você, senhora, professora, e/ou apenas o nome, ou ainda, a redução do nome para “Ed” (forma como alguns alunos tratam a professora durante as aulas).

Os marcadores discursivos ou conversacionais apresentam funções específicas, a partir de uma função comum e ampla que é a função textual, ou seja, todos organizam o texto, sejam para manter a interação com o interlocutor ou para articular as unidades cognitivo-informativas. Os alunos, ao usarem marcadores com a função interpessoal ou interacional, buscaram envolver o leitor e/ou prefaciaram opiniões, por meio do marcador “**bom**”:

- (1) Bom, essas atividades propostas pela senhora na minha opiniao foram exelenes, pelo motivo do filme e o livro passarem uma mensagem igual e com vários objetivos (...)
- (2) Bom, essas atividades que a senhora propôs, em meu ponto de vista foram ótimas, pois foram atividades que nunca foram feitas antes,
- (3) Bom Professora, para o tema do trabalho do segundo bimestre, acho que a senhora deveria dar um filme que tenha relação com o livro "Batalhas no Castelo",

Em relação aos dois últimos exemplos, com o marcador “**bom**”, vale ressaltar que se referem ao mesmo texto, assim, o aluno reforça a interlocução e o faz ao iniciar novos tópicos discursivos. Este mesmo recurso conversacional pode ser comprovado pelo uso do “**então**”:<sup>2</sup>

- (4) Entao Professora, para o próximo trabalho acredito que a senhora também poderia dar um filme com o mesmo tema do livro "Batalhas no Castelo"
- (5) E também outros livros para nos lermos pis esse livro " Quem manda em mim sou eu " nao me alegrou muito pois nao achei que ele teve muita graça não .... Então é isso aew ... kkk'

Em relação a esses marcadores – “**bom**” e “**então**”, Castilho considera-os como marcadores ideacionais, pois “são acionados pelos falantes [em nosso caso, pelos escreventes] para a negociação do tema e seu desenvolvimento” (1989, p. 274). Já Galembeck e Carvalho, consideram-nos como marcadores interacionais, em posição medial, pois “além da sustentação de turno, indicam explicitamente uma atividade de planejamento verbal” (1997, p. 842); ou ainda, como marcadores ideacionais se forem “responsáveis pela estruturação das unidades que compõem o dialogo” (idem, p. 845).

O exemplo (5) pode ser considerado como um marcador interacional, pois mais do que estar em posição final, são as últimas proposições do texto e o aluno espera uma resposta da professora em forma de retorno ao que fora pedido, em novas atividades para o 2º bimestre. Se estivesse na oralidade, a troca de turno, ou seja, a resposta viria na sequência.

<sup>2</sup> Ao total eram sete ocorrências, mas pela limitação do espaço, apresentamos apenas dois exemplos

Além disso, este *e-mail* é finalizado com reticências e risadas “kkk” (elemento linguístico utilizado em textos virtuais), assim, se ocorresse na oralidade, o aluno teria parado de falar e rido, o que pressupõe a mudança de turno.

Quatro casos interessantes com o marcador conversacional “**Agora**” merecem destaque. De acordo com Galembeck e Carvalho tais marcadores são representados por algumas conjunções e advérbios “que funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação e, ademais, dão continuidade ao tópico em andamento ou introduzem um novo tópico” (1997, p.838), portanto com função ideacional. No entanto, para este mesmo marcador, Castilho (1989) apresenta-o como um marcador interpessoal, pois “assinala a passagem de turno” (p. 274). Em nossa análise não há passagem de turno, nem subentendido, por se tratar de textos escritos. Vejamos:

(6) Agora vou voltar para a sala tenho muitas tarefas de outras matérias para fazer,

Nesse caso, o aluno realmente marca a temporalidade e a mudança de tópico, mais no sentido de encerrar o texto, justificando que terá que voltar a sala, já que estava no Laboratório de Informática, mesmo tendo realizado a atividade na aula de Língua Portuguesa. Nos exemplos a seguir, os alunos iniciam um turno de fala para expor sua segunda opinião e introduzir um novo tópico discursivo, portanto também com função ideacional.

(7) Agora sobre as atividades realizadas em sala eu acho que vc tá tendo bastante ideias criativas

(8) Enfim agora vou falar novas sugestões que a senhora possa fazer para nós

(9) Agora no próximo bimestre teremos mais atividades para serem realizadas (...)

Marcadores presentes no texto escrito, típicos da oralidade, encontramos nos trechos a seguir, em função do uso do “**daí**”, bem como o léxico “**tipo**” que serve para introdução de um novo tópico:

(10) Livro: Chato, porque eu não gosto de ler, daí fica mais chato ainda, porque os livros são muito grande.

(11) A Senhora podia dar a nós outro filme, mais esse filme poderia ser mais realista com o mundo adolescente que estamos hoje ...

Tipo ... Não sei mais .... filmes românticos seria uma boa ideia para nos assistirmos ..

Foi possível encontrar no corpus mais exemplos de marcadores conversacionais, prosódicos, além de outras marcas linguísticas típicas de *e-mails*, entretanto por falta de espaço não serão apresentados neste momento.

Em relação a essa mescla entre escrita e fala, Santos destaca que “entre diversos gêneros de textos falados e de textos escritos podem ocorrer sobreposições que não se adequam a uma oposição absoluta entre fala e escrita” (2007, p. 155-156). E acrescenta exemplos como bilhetes, cartas pessoais, *chats*, *e-mails*, avisos e inquéritos. Nossa análise comprova a “impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 191).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os marcadores discursivos presentes nos textos escritos revelam que estes exercem funções específicas e os alunos fazem uso disso, por isso, utilizam-nos mesmo que em textos escritos, comprovando ainda a proximidade entre essas duas modalidades de uso da língua, proporcionado pelo gênero *e-mail*, como “elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal” (URBANO, p. 86).

Mesmo os interlocutores não estarem face a face num momento de interação, os alunos buscaram construir o texto levando em conta a estrutura de interação interpessoal, típica da oralidade, em função da presença (menos em conversas ao telefone) dos

interlocutores. De acordo com Urbano, os marcadores conversacionais “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal” (1993, p. 86) e isso ficou comprovado pelos usos expressivos dos marcadores.

Ainda, conforme Fávero, Andrade & Aquino, “a informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização não só da fala, como também da escrita” (1999, p. 75), o que ficou marcado na maioria dos *e-mails* produzidos pelos alunos. A produção é escrita, mas sua concepção é de oralidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, S. C. de O. Interação on-line e oralidade. In MENEZES, V. L. (Org) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 145-169.
- ASSIS, J.A. Ensino/Aprendizagem da Escrita e Tecnologia Digital: o e-mail como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula. In. COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A.E. (Orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p. 210-239.
- CASTILHO, A.T. de. Para o Estudo das Unidades discursivas no Português Falado. In: \_\_\_\_\_. (org). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989, p. 249-279.
- \_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- FAVERO, L. L.; ANDRADE, M.L.da C. V. de O.; AQUINO, Z. G. O. de. **Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.
- GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO, K. A. Os Marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). **Revista Intercâmbio**. Vol. VI – 1997, p. 831-850.
- MARCUSCHI, L.A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A.T. de (org) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1989, p. 281-322.
- \_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. A coerência no hipertexto. In. COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A.E. (Orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p. 185 – 207.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In. DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs) **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.
- SANTOS, E. M. dos. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. In. COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A.E. (Orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p.151-183.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCHUSP, 1993. p. 81-101.
- VOLOSHINOV/BAKHTIN. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita. (1926/1976).